

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO**

**Sebastião Severino Neto**

**A Formação de Professores para o Ensino Superior:  
a relação teoria e prática como necessidade pedagógica na docência**

**São Paulo**

**2012**

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO**

**Sebastião Severino Neto**

**A Formação de Professores para o Ensino Superior:  
a relação teoria e prática como necessidade pedagógica na docência**

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, como exigência para obtenção do título de Especialista em Formação de Professores com Ênfase no Magistério Superior  
**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Delacir Ramos Poloni

**São Paulo**

**2012**

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO**

**Sebastião Severino Neto**

**A Formação de Professores para o Ensino Superior:  
a relação teoria e prática como necessidade pedagógica na docência**

**Aprovado em:**

**03 de Agosto de 2012**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Delacir Ramos Poloni – IFSP**

---

**Prof<sup>o</sup> Dr. Valério Arcary – IFSP**

---

**Prof<sup>a</sup> Dra. Tatiana de Amorim Maranhão Gomes da Silva – Facamp**

**São Paulo**

**2012**

*Dedico este trabalho de pesquisa a todos aqueles que sonham um dia ser educador, aos meus filhos Tainá Guedes Silva, Luan Guedes e Luan Vinícius, in memória aos meus pais Joaquim Pinto da Silva e Efigênia Ferreira da Silva que o tempo não reservou um espaço para estarem aqui comigo, a minha companheira Márcia Guedes por ser solidária e pela leitura e crítica*

## AGRADECIMENTOS

Aos colegas da turma da Pós – Graduação **latu sensu** “Formação de Professores com Ênfase no Ensino Superior” do IFSP São Paulo de 2010. Essa turma me ajudou a exercer a autonomia intelectual e desenvolver a capacidade crítica e autocrítica, fundamentais para o trabalho acadêmico. Também com esses colegas de cantorias e encontros que foram poucos, mas de grande importância para nossa formação como seres humanos e como sujeitos de cultura.

A minha companheira Márcia, que entendeu, compartilhou e colaborou com o desafio que impus a mim mesmo de fazer o vestibular e abandonar um trabalho para me dedicar ao curso. Foi uma decisão difícil, porém a mais acertada.

À rede federal de ensino que, através do IFSP possibilitou meu retorno aos bancos escolares.

À professora Dra. Delacir Ramos Poloni pela paciência, pelo carinho, pelas discussões acaloradas e importantes ao longo do curso e durante a elaboração dessa monografia.

Enfim, este trabalho tem um pouco de cada uma dessas pessoas e, portanto, pertence a todos aqueles que se dedicam ao trabalho de educar os filhos da classe trabalhadora.

A todos os professores que acompanham a pós-graduação em Formação de Professores com Ênfase no Magistério Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus São Paulo pelo comprometimento e dedicação ao curso.

O meu muito obrigado!

*Todo mestre também é, num certo sentido, um mestre artesão que soube primeiro ganhar-se a si mesmo através de uma conquista metódica. A obra fundamental do homem é ele mesmo e as realizações exteriores são apenas confirmações dessa obra-prima fundamental que para o homem digno desse nome é a edificação de si mesmo.*

**(Georges Gusdorf)**

## RESUMO

Neste estudo, procura-se realizar uma reflexão que possa contribuir para a compreensão dos desafios da docência no ensino superior levantando aspectos da prática docente. Para a realização da pesquisa, aconteceram duas entrevistas, com base no arcabouço teórico de dois autores que fazem abordagens importantes sobre práticas e didáticas na docência do ensino superior. Nessa perspectiva, procurou-se dialogar com pessoas envolvidas com o processo ensino-aprendizagem especialmente, professores do ensino superior. Tem-se assim um especial cuidado com a prática docente os desafios e a compreensão de diferentes dimensões envolvidas no cotidiano da sala de aula. Averiguou-se dados do Curso de Especialização *Latu Senso* de Formação de Professores com Ênfase no Magistério Superior do IFSP. Apresenta-se a abordagem dos professores entrevistados como referencial analítico que compôs o corpo teórico e metodológico deste trabalho.

**Palavras-chave:** formação de professores, ensino superior, teoria e prática, desafio na docência.

## **ABSTRACT**

In this work, we intend to analyze a thought to contribute to the understanding of the professor's challenges, related to the higher education, we also intend to show some aspects of this practice. To develop this search, we are going to have two interviews that, will be based on a theoretical part of two authors that make an important approach about didactic practice. Our purpose is to talk with professors involved with the teaching and learning process related to the necessities and difficulties that involves the day by day practice such as: the methodology they use, the didactic and pedagogical problems, course plan and troubles faced with the students and the institution. Proposing in this case a special care with the teaching practice, offering the comprehension and the evaluation of the different parts involved inside a classroom. Furthermore, we are going to analyze information of the post graduation Formação de Professores com Ênfase no Magistério Superior. Finally we are going to present the professor's interviews.

**Keywords:** teacher training, higher education, theory and practice, challenge, teaching



# Sumário

<b>Introdução</b>	<b>11</b>
<b>I Desenvolvimento do Conteúdo</b>	<b>11</b>
<b>1. Pressupostos Teóricos</b>	<b>14</b>
<b>1.1 A prática Docente e o currículo no Ensino Superior</b>	<b>15</b>
<b>1.2 A relação Teoria e Prática na Docência: limites e possibilidades</b>	<b>17</b>
<b>1.3 - Práticas Docentes nas IES: desafios atuais</b>	<b>18</b>
<b>1.4 - Sobre as Teorias Pedagógicas</b>	<b>22</b>
<b>2 - Pressupostos Metodológicos</b>	<b>25</b>
<b>2.1 - Dialogando com Docentes de IES</b>	<b>25</b>
<b>2.2 - Análise comparativa dos diálogos: as devolutivas</b>	<b>48</b>
<b>II - Considerações Finais</b>	<b>52</b>
<b>III - Referências</b>	<b>54</b>

## Introdução

*A cultura não é outra coisa senão a tomada da consciência, por cada indivíduo, dessa verdade que fará dele um homem. (Gusdorf)*

Este trabalho é objeto da minha investigação sobre a formação de professores cujo desafio vem percorrendo a minha formação docente na escola pública onde atuo e mais recentemente no desafio de dar continuidade em uma instituição de ensino superior.

O primeiro obstáculo seria de que, inicialmente, precisamos tomar cuidado com a ideia do livro do professor e do livro do aluno, pois um educador pode se utilizar deste recurso e fazer com que o aluno desenvolva o monólogo sozinho no processo de aprendizagem e isto não é uma boa prática docente.

Hoje existem algumas iniciativas neste sentido de transformar o professor em um mero instrutor e este não é o papel de um educador, eu penso, pois o bom senso na construção de um processo pedagógico é mais importante que certas iniciativas governamentais.

Transpor a fase limiar da escola para a fronteira do conhecimento, ou seja, a autonomia docente é um caminho que o professor universitário vai enfrentar no seu desenvolvimento nesta aventura do conhecimento<sup>1</sup>. Chamo a atenção para o tipo de discurso que o professor utiliza na sala de aula, ele pode ser agregador e acolhedor, mas também criar um distanciamento entre os alunos e ele. A autoridade de um professor é reconhecida pelos alunos que, logicamente, tem a ver com seu método de ensino ou sua prática na sala de aula.

Georges Gurdof, diria que o sentido da pedagogia é antes de qualquer coisa, um mistério. Portanto, é desafiador e que o espaço da sala de aula é sempre um lugar de confronto<sup>2</sup>. (BOURDIEU, p. 85, 2003)

O educador é uma presença concreta na sala de aula não é um objeto abstrato como um livro ou uma determinada técnica audiovisual e que um ser humano não pode ter certeza de tudo. Quer somente construir caminho e oferecer pistas para seus alunos.

---

<sup>1</sup> Página 34 livro: Professor para que?

<sup>2</sup> Ver BOURDIEU, Pierre. Método Científico e hierarquia social dos objetos. In: CATANI; NOGUEIRA (Org.) Escritos de Educação. Editora Vozes, 2003

Isto é diferente da ideia de diminuir custos e somente emitir certificados para que os jovens continuem seu percurso educacional, por exemplo.

O educador do ensino superior precisa ter clareza do seu papel enquanto professor e que ser professor é uma profissão como outra qualquer, digamos assim e que não deve ser tratada como uma profissão de fé. Uma verdadeira pedagogia é aquela que incorpora e dialoga com os sujeitos onde todos estão em comunhão para aprender juntos e ela é dialógica. Se isto não ocorrer, não existe pedagogia. Todo ato de educar tem um sentido humano para o autor, e para quem ensina.

O que é ser um bom aluno? Como identificá-lo? E o aluno ruim? Procurar entender estes caminhos e descaminhos será o objeto da investigação no entendimento do problema questionando; o bom aluno é realmente aquele que se sai bem nessa ginástica intelectual? Será que é somente o aluno que deve cumprir todos os compromissos com exercícios, atividades ou exames de controle para passar de ano?

Se partirmos da ideia de que precisamos romper com a forma autoritária de avaliação dos alunos, precisamos ser mais democráticos conosco mesmo. Um mestre autêntico avalia seus alunos por meio de outros parâmetros além de ser um bom aluno, mas isto exige um mestre que tenha outros olhares para o processo de ensino-aprendizagem e que nas universidades são mais difíceis devido ao controle da gestão acadêmica.

O encantamento do aluno com a educação, aliás, como processo de aprendizagem, tem uma relação direta com o curso e aquele professor que pode ser um diferencial para esses jovens. Por que digo isso? Segundo Georges Gusdorf, existem diversas situações em que alguns professores marcaram a sua vida e que alguns alunos também marcaram a sua. O professor não pode ser somente um revelador de mundo e de seres humanos, mas manter, em certa medida, sua hierarquia no ensino que envolve técnica e domínio ao longo do tempo escolar.

Então, qual é o papel da educação para os estudantes? O papel da educação seria de tornar as pessoas mais conscientes no caminho da mestria e não um jogo de memórias e dados, por exemplo. Este desafio do educador tem a ver com seus atos, suas atitudes seu comportamento para com os alunos, é isto que vai marcar a vida estudantil na memória dos alunos, uma lembrança de momentos agradáveis da vida acadêmica.

O processo de humanização do ser humano é que leva ele próprio a busca de certezas de acordo com o tempo de maturação do sujeito. Aqui, para além da epistemologia da educação que orienta um determinado saber, precisamos aprender a

desenvolver certos sentidos sobre alguns significados já que seremos cobrados pelos alunos de acordo com a sua busca pela verdade e devemos estar preparados. Este é um desafio enorme na relação teoria e prática no trabalho docente que não devemos perder de vista. Ora, se a escola é um lugar de conflito permanente o educador/professor precisa ter clareza disso, diante do ensino-aprendizagem de maneira mais reflexiva.

Será que é por isso que alguns professores desistem de ser professores? Será que isto depende muito da habilidade e competência do professor ou da sua atitude? Se competência está relacionada a sua atitude, valores, comportamento, crescimento pessoal como ser humano, além da sua erudição, o que mais seria importante para o docente no ensino superior?

Buscar indicações e elementos sobre o papel que um educador/professor deve ter em relação aos alunos será analisado através das entrevistas com professores buscando verificar elementos das suas metodologias e didáticas que elevam o conhecimento dos alunos e não somente o conteúdo. Isto exige que o educador não se apresente somente como dominador de um determinado saber, mas que vá além do seu testemunho de verdade e valores.

Se a pedagogia é o desejo de aprender, vai exigir que tenhamos clareza sobre a sua virtude<sup>3</sup>, a coragem, o desejo de aprender e uma distinção clara entre professor e mestre: o professor ensina a todos, o mestre anuncia para além da exposição do saber do desenvolvimento humano de acordo com o seu horizonte, o seu universo cultural simbólico e as fronteiras do seu conhecimento. (MASETTO, 2010)

---

<sup>3</sup> Disposição firme e constante para a prática do bem

# I - Desenvolvimento do Conteúdo

## 1 Pressupostos Teóricos

Essa pesquisa tem por objetivo contribuir com o debate sobre metodologia de ensino na graduação e suas diferentes abordagens, bem como apontar elementos de diferenças entre os professores respeitadas as exigências pedagógicas do currículo dos cursos.

A fim de buscar elementos de análise para corroborar com a análise dos elementos apontados acima, procurei utilizar as referências teóricas que abordam a discussão e a teoria que sustentam essas metodologias de ensino na graduação em relação à teoria e a prática na sala de aula nas instituições de ensino superior.

Em um segundo momentos apresentam dados da pesquisa com os educadores da graduação em diferentes instituições de ensino utilizando um roteiro de entrevista e busco elementos que aglutinam ou que diferenciam as suas práticas educativas na sala de aula. Para isso, a metodologia utilizada foi de entrevista com os professores agendada com antecedência, gravada e transcrita na íntegra neste trabalho.

Na busca de uma abordagem que garanta uma compreensão mais ampla do objeto de estudo, utilizei a técnica etnográfica da observação participante através de contato direto com o fenômeno estudado. Esta alternativa possibilitou um maior número de informações sobre a prática docente e seus desafios no cotidiano, além de ser essencial para a pesquisa qualitativa dos dados. A pesquisa participante procurou dialogar com as referencias utilizadas principalmente de Masetto e Gusdorf, complementando e superando os limites da observação e do levantamento de dados.

É a conduta social dos dois professores entrevistados, enquanto consumidores e produtores de cultura que se revela diante do discurso e da sua prática social, na sala de aula. Outro desafio na pesquisa é o fato de trabalhar com gente, com atores sociais em relação, com grupos específicos, professores de graduação. Este desafio trouxe novos elementos para análise em relação à intersubjetividade<sup>4</sup>, de interação social com o pesquisador que primeiramente, foram construídos teoricamente enquanto componentes do objeto de estudo. O cruzamento dos dados e os diálogos deram a dimensão dessa realidade concreta com as hipóteses e dos pressupostos teóricos e do metodológico.

---

<sup>4</sup> A relação entre o sujeito e o objeto

## 1.1 A Prática Docente e o Currículo no Ensino Superior

*Cada ser humano trilha seu próprio percurso de formação, fruto do que é o contexto vivencial lhe permite que seja fruto do querer e do que pode ser. (Alarcão)*

O que caracteriza um currículo e como ele articula os métodos pedagógicos no Ensino Superior será o objetivo desse texto e apresentar alguns elementos discutidos por alguns autores.

Uma primeira observação é como o conceito de currículo se articula em termos de reflexão pedagógica e a forma como é trabalhada na educação superior. Cabe destacar algumas características como: uma prática tradicional que pode levar ao problema de insucesso dos alunos nos anos iniciais da graduação, o universo cultural simbólico limitado dos alunos oriundos do ensino médio, aulas sem criatividade, o fato do curso não ser aquilo que o aluno esperava. Uma hipótese inicial seria como a questão da reflexão pedagógica poderia contribuir com estes problemas.

Desenvolverei agora a abordagem de alguns autores sobre o que seria trabalhar com alguns novos “modelos” pedagógicos buscando ordená-los em função dos temas dominantes da reflexão pedagógica na educação superior como: baixo rendimento escolar, dificuldades de ensino aprendido, evasão etc.

Em relação ao modelo pedagógico tradicional e o modelo industrial, racionalizado e a chamada pedagogia por objetivos, é claro que este trabalho de pesquisa pretende oferecer pistas de como enfrentar o problema deixando a reflexão em aberto, tanto em relação a sua efetividade como em relação à subjetividade que estão em vias de constituição no ensino superior.

Até pouco tempo atrás se dizia que professores não tinham didática para trabalhar no ensino superior como apontava Shulman em relação a suas pesquisas sobre teoria pedagógica. A partir disso, desenvolverei somente três elementos que estão relacionados com o processo de ensino/aprendizado que são: as questões específicas do ensino, a didática e o currículo que estão envolvidos nesse processo.

O conceito de *obstáculo didático* e *obstáculo pedagógico*, com caráter epistemológico, segundo Bachelard, (1996), são apresentados para mostrar como estes interferem no processo de aprendizagem dos alunos e de como o professor precisa

aprender a separar um do outro, principalmente seguindo os fundamentos do método científico.

O outro obstáculo está relacionado com o currículo. Lembrando que o currículo é sempre uma definição teórico-metodológica que tem a ver com a escolha da instituição e que responde a quatro objetivos: O que ensinar? Por que ensinar? Como ensinar? E por último, como avaliar? Essas ideias apontam para o desafio de que a avaliação não pode ser somente uma prova e sim o conjunto de atividades desenvolvidas em sala de aula, por exemplo.

De acordo com alguns autores, um ponto importante é o da necessidade de integrar o currículo. Em alguns cursos, por exemplo, só existe teoria, como nos cursos de licenciatura, e quando chega na hora da prática do trabalho docente, falta informação para realizar as atividades.

São etapas com duração variada, cada uma dependendo de diversas variáveis como maturidade, conhecimento, aprendizagem, efetivação da ação. De fato, ser professor é um processo complexo que necessita de tempo como diz NÓVOA(1995): *Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças<sup>5</sup>*”.

Com relação a professores marcantes pode-se notar que a postura, a atitude de educador, não ensinando apenas o conteúdo específico, mas atitudes diante da vida são o que se destaca. Ainda sobre técnicas de ensino, podemos perceber que várias técnicas são usadas, mas que este não é o ponto realmente importante, se discutido isoladamente. É preciso entender o processo como contínuo onde se insere também a avaliação. Geralmente não aparece a avaliação sendo discutida colada ao processo de ensino e ninguém se referiu à avaliação como um meio de avaliar o próprio ensino, oferecendo feedback ao próprio aluno, embora tenha sido evidenciada a carência quanto aos mecanismos de avaliação.

De qualquer forma, um currículo precisa levar em consideração a realidade da instituição e os tipos de curso que ela oferece para a comunidade dialogando com professores, alunos e servidores, ou seja, levar em consideração o princípio da gestão democrática. Sem esses elementos o currículo pode se tornar uma peça sem sentido para a vida acadêmica dos alunos e professores e ser somente uma peça burocrática.

---

<sup>5</sup> Nóvoa, 1995, p.15 e 16

## 1.2 A relação Teoria e Prática na Docência: *limites e possibilidades*

*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre. (Freire)*

A teoria é sempre posta a prova pela prática, todos os conhecimentos teóricos aprendidos, são revistos, analisados na hora da prática, por exemplo, quando estamos em sala de aula é que analisamos as teorias que aprendemos e decidimos se isso funciona ou não funciona, isso tem o lado positivo porque é assim que as teorias são reformuladas e melhoradas.

No entanto, precisamos de um ponto de equilíbrio entre prática e teoria, quando a prática é posta sem um embasamento teórico para apoiá-la muitas vezes ela pode não ser compreendida e vice e versa. A importância de um educador trabalhar o equilíbrio entre teoria e prática com os alunos, por isso, a pluridisciplinaridade ajuda. Nas Ciências Humanas, por exemplo, trabalha muito com a ideia da hipótese dialogando com a tese. Nas chamadas ciências duras o objeto fica mais claro.

O professor e professora que consegue trazer a teoria para a prática é aquele que procura incorporar e dar sentido prático para a teoria. O educador moderno exige um educador que consiga dialogar com outras áreas do conhecimento e não desenvolver elementos somente da sua área específica além de uma postura mais aberta em relação ao processo de aprendizado, ou seja, posturas arrogantes, autoritárias, punitivas é um comportamento que não condiz com a universidade e muito menos com a educação.

Segundo, Alarcão:

[...] nós educadores precisamos saber trabalhar a questão do estímulo e incentivo permanentemente e a sua relação com o mundo do trabalho. Se tornarmos a educação um dificultador para a vida desses jovens não vamos levá-los a nada. (ALARCÃO, 1997).

Eles precisam encontrar um sentido para a vida e o trabalho é um caminho que precisa ser prazeroso e não um fardo duro de carregar. Aulas interativas, possibilitar diálogos entre a turma, preparar aulas que eles encontrem sentido para sua formação, são ações didáticas e pedagógicas possíveis que nós educadores precisamos estar sempre atento.



### 1.3 Práticas Docentes na IES: desafios atuais

*É preciso repensar a qualidade do ensino ministrado pela escola básica e sua tarefa na formação de cidadãos capazes de participar plenamente da vida econômica, social, política e cultural do país. (Masetto)*

Novas práticas pedagógicas exigem que tenhamos diversas habilidades e que isso pode influenciar nossa prática na sala de aula. Mas que práticas são essas? Novas práticas são importantes porque existe uma dispersão muito grande e dependendo da metodologia do professor, pode diminuir essa dispersão e garantir minimamente uma amplitude e heterogeneidade de fontes na aprendizagem dos alunos.

Os relatórios de professores na sala de aula são uma fonte de pesquisa importante e pouco estudada por pesquisadores já que as pesquisas amparadas por hipóteses não apresentam de forma clara o problema.

A classificação dessas hipóteses – sobre as novidades pedagógicas é a ideia de que ainda é um desafio a ser enfrentado pelas universidades e que o momento exige que busquemos formas de como abaixar o insucesso, a evasão e o abandono dos estudos no primeiro ano da graduação. Uma formação profissional e uma formação inicial e continuada nos anos iniciais da graduação podem ajudar nesse desafio, mas difícil de implementar, pois:

[...] ao corpo docente deveria, além de dar aulas, fazer pesquisa, produzir conhecimentos, divulgar e discutir com seus pares os estudos feitos. Sua atividade docente básica era orientar os alunos na aprendizagem das atividades científicas de investigação, estudo, elaboração de trabalhos.” (MASETTO, 2003:10).

Uma determinada situação nova precisa contar com novos parceiros uma vez que a prática pedagógica depende disso, ou seja, de outros sujeitos que também constroem o conhecimento e que precisa ser partilhado na universidade. Neste desafio, as chamadas tecnologias da informação e comunicação precisam ser consideradas como um “meio” no processo de aprendizagem e não como norma..

Procurei estabelecer três situações das novas práticas pedagógicas: 1ª Auto-formação – orientação individual dos alunos – individualização. 2ª Formação à distância – ganhar o público para uma formação continuada – estudo de caso, avanços da

comunicação e da telemática etc. 3ª Clareza no envolvimento de novos parceiros no processo de ensino aprendido; palestra, seminários, pesquisa de campo e materiais.

As novas situações pedagógicas envolvem, de certa forma, o modelo tradicional de aula no ensino superior como: – Comunicação pedagógica diversa – coletiva – cabe ao aluno o trabalho pessoal, centrada na relação docente/aluno. Docentes inovadores: incentiva a relação aluno/docente, aluno/aluno. Ajuda diversificada no trabalho do aluno, dose de militância – desejo do aluno pela situação pedagógica. “Militância Pedagógica” busca de caminhos e propostas pedagógicas que agradam os alunos. Esta capacidade do professor depende muito da sua formação e competência. Dissociar o lugar de aprendizagem do lugar da formação, no caso de formação à distância.

Três tipos de prática a pensar: A motivação – produção de trabalho pessoal – saber fazer metodológico. A competência metodológica – trabalho pessoal dos alunos – novas capacidades – estratégia de solução – problemas científicos. Organização e gestão do tempo – ações mais sistemáticas – problemas apresentados – a ação torna-se mais precisa – a ideia da busca de solução do problema.

Isso exige um tratamento da informação nas diferentes disciplinas que de certa forma tem a ver com instrumentos e estratégias cognitivas, apoio individual – tendo em vista a aprendizagem – obras de consulta – audiovisuais e outros. Videograma – forma como um aluno serialista ou globalista trabalha a informação de acordo com a sua disciplina, por exemplo.

Precisamos possibilitar múltiplas ações de ajuda ao estudante na organização do trabalho pessoal. Pesquisa levantada pelos autores procurar respostas para elas ainda constitui um grande desafio no ensino superior.

Numa breve síntese, de acordo (NÓVOA, 1997) :

[...] é preciso haver reconhecimento da instituição para o desenvolvimento de pesquisa, fator que é muito difícil. O fator tempo tem um custo que a instituição não oferece para o professor trabalhar com o aluno. Buscar sempre uma preocupação com a individualização e autonomia do trabalho dos alunos.

Com relação à categoria: sobre tornar-se professor e sobre professores marcantes, estudos apontam que não se "vira" professor de uma hora para outra e que na verdade se constrói o “ser professor”. Estudos apontam que essa construção dá-se basicamente através de três fases: role taking (tomar o papel de um modelo de professor), role playing (brinca-se com o modelo, pela desenvoltura em dominá-lo) e role creative (cria-se a partir das fases anteriores).

Uma das questões mais sérias de caráter macroestrutural é a reflexão sobre o que o mercado está pedindo à universidade. Farta literatura recente vem analisando a limitação do modelo atual pensado para o ensino superior no contexto da globalização.

Perguntas tais como: quanto vale para a nação, para muito além do valor de mercado, a formação de um professor para a educação básica? O desenvolvimento de uma nova técnica de cirurgia? Quem cuida da ciência pura e da pesquisa básica, que exigem formação e investimentos? Quem, além da transmissão mecânica, produz conhecimentos e forma pesquisadores de alto nível em áreas como filosofia, sociologia, artes e letras cujos efeitos não têm muito poder de negociação no mercado, mas são fundamentais para a nação.

É comum afirmar que o ensino da graduação deve ser profissionalizar para o mercado de trabalho. Todavia, não é raro exemplificar-se com o modelo americano. Mas o sistema universitário americano tem três grandes modalidades, a saber: universidades de pesquisa, universidades de ensino e “colleges” ou pós-secundários profissionalizantes - espaço acadêmico espremido entre o terceiro ano do segundo grau e o mundo universitário. A função primordial dos “colleges” é formar mão de obra para atender as exigências operacionais imediatas do mercado, em especial do setor técnico e produtivo.

Em todo caso, ao defender a profissionalização, poder-se ia falar num reducionismo perigoso de todo o ensino superior, preparando para o mercado. Podemos afirmar, com relação à prática do professor de ensino superior, sem consultar algumas pesquisas sobre isso, que, mesmo em tempos de racionalização, de uniformização, de globalização e mercantilização, cada um continua a produzir no mais íntimo de si mesmo a sua própria maneira de ser professor, segundo Masetto:

[...] o objetivo máximo de nossa docência é a aprendizagem de nossos alunos”. Donde a importância de o professor ter clareza sobre o que significa aprender, quais são seus princípios básicos, o que se deve aprender atualmente, como aprender de modo significativo, de tal forma que a aprendizagem se faça com a maior eficácia e maior fixação,.... como integrar no processo de aprendizagem o desenvolvimento cognitivo, afetivo-emocional, de habilidades e a formação de atitudes? Como aprender a aprender permanentemente? (2003:28)

Nesse sentido, pode-se dizer que o papel do professor em qualquer nível de ensino, não é ser somente um transmissor, todavia precisamos de um professor que

orienta as atividades acadêmicas, motivador e incentivador do desenvolvimento e progresso, com uma atitude de parceria e de corresponsabilidade com seus alunos.

## 1.4 Sobre as Teorias Pedagógicas

*“O tipo de conhecimento hoje exigido e esperado é aquele que ultrapassa os limites de uma só área, abre-se para outras ciências e formas de conhecimento.” (Masetto)*

Segundo o Professor Masetto é preciso desenvolver pesquisas sobre formação de professores do ensino superior, integrando a perspectiva interdisciplinar e o domínio das tecnologias de comunicação e informação; desenvolvimento da informática e da telemática como apoio às atividades presenciais. Essas iniciativas visam ampliar a atuação docente em aula universitária e incentivar paradigmas curriculares inovadores.

Ainda o professor diz que “Quando o professor consegue ampliar consideravelmente o mundo de informações dos seus alunos é quando ele sente que foi além do planejado pela ementa de uma determinada disciplina” (MASETTO, 2010, p.49).

É preciso considerar a relação aluno/aluno e aluno/professor e também a realidade do entorno social do aluno que é significativa para o desenvolvimento da aprendizagem na sala de aula. No entanto, o conhecimento exige um rigor que se encontra no método científico e ajuda ao pensar o problema e envolver os alunos nele, numa lógica clara no seu encadeamento.

Todavia, para o pedagogo, o conceito de aprendizado é muito mais abrangente e profundo elencando alguns objetivos na aprendizagem: o resultado da aprendizagem ou os conteúdos, os fatos e comportamentos, aprendizagem social, aquilo que ele aprende com a vida, aprendizagem verbal e conceitual e aprendizagem de procedimentos, um currículo precisa levar isso em consideração.

O processo de ensino - aprendizagem, quando é integradora e é operada com esse objetivo criam outras oportunidades de organizar as informações e modificar as condições de vida e compreender a relação entre os objetos e as coisas, por exemplo. Embora dialogando com o texto de (POZO, 2002, p. 67-68).

O professor Masetto amplia a sua visão sobre as relações sociais e os grupos sociais envolvidos no problema dialogando com aspectos sociológicos importantes como mudanças de atitudes, valores e a relação com os grupos sociais. Mais uma vez ele estabelece um diálogo com Juan Ignacio Pozo sobre o conceito e o processo de

aprendizagem do aluno deixando claro que hoje este conceito é muito mais complexo do que somente os aspectos cognitivos que envolvem as pessoas no processo de ensino.

De qualquer modo, os dois professores estão pensando na sala de aula como um ambiente de aprendizagem importante que é justamente de onde vem a compreensão da dinâmica e da relevância no ensino superior. Mas que relevância é essa? O autor recupera o conceito do POZO, 2002 para caracterizar melhor o que seja a aprendizagem. Então desenvolve quatro categorias analíticas que são chamadas pelo autor de áreas do conhecimento: a do conhecimento geral do sujeito, a do afetivo emocional, a de habilidades humanas e profissionais e a de atitudes e valores.

Uma determinada aula poderá oportunizar diversos tipos de organização de informações que levam o aluno a descobrir um determinado conhecimento relacionando isto com o conhecimento adquirido no seu universo cultural simbólico produzindo um novo conhecimento. A reflexão apontada pelo autor nos mostra como é possível construir um conhecimento coletivamente e termos um conceito mais abrangente do que é o processo de ensino aprendizagem e as relações sociais envolvidas nele para que nossos alunos aprendam a construir seu próprio conhecimento.

Uma educação cidadã e profissional é a perspectiva colocado pelo autor uma vez que os alunos da universidade precisam encontrar significados nas disciplinas estudadas no seu percurso educacional e relacioná-las com a sua profissão, este parece ser o desafio apontado pelo autor, no entanto percebe-se uma predileção pela educação profissional. (NÓVOA, 1997)

Penso que o desafio nos primeiros anos da graduação é de fazer com que esses jovens se encontrem com a profissão que vão seguir na vida. Se esses jovens não tiverem clareza disso no início da graduação estarão fadados a entrar nos índices de evasão nos anos iniciais do ensino superior, como foi apontado acima.

Em contraponto as ideias do Professor Masetto, acredito que uma educação cidadã já dá conta do problema em relação à educação profissional e não vejo necessidades em enfatizar uma em detrimento da outra. O que quero dizer com isso? Se um aluno da área de exatas tiver, além da formação profissional específica, conceitos da filosofia, sociologia e psicologia ele poderá ampliar o seu universo de conhecimento além do específico, por exemplo.

De modo que um currículo que não dialoga com a realidade da escola e com a vida dos seus alunos não terá sentido para esses alunos embora a discussão de currículo seja muito recente no ensino médio, ele já existe a tempos no ensino superior e já é mais

conhecido da comunidade acadêmica devido às diretrizes curriculares do Ministério da Educação/MEC sobre os cursos.

## 2 Pressupostos Metodológicos

### 2.1 Dialogando com Docentes de IES

#### **Professor Ms. Marcus Eduardo de Oliveira**

Graduado em Ciências Econômicas pela Faculdade de Economia e Administração de Osasco (FEAO-1994). Mestre em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo - (USP-2005). Especialista em Política Internacional pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo - (FESP-1995). Possui curso de especialização pela Universidad de La Habana, Cuba (2003). Atualmente é professor titular do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco (FAC-FITO), professor de Gestão Financeira, no Departamento de Comércio Exterior do UNIFIEO (Centro Universitário da FIEO). Membro de GECEU - Grupo de Estudos de Comércio Exterior do Centro Universitário da FIEO. Colunista do site [www.oeconomista.com.br](http://www.oeconomista.com.br), vinculado à UNIVILLE - Universidade de Joinville, SC e do Portal EcoDebate.

É articulista econômico do Zwela Angola Notícias, agência de notícias de Angola, África, além de contribuir com textos sobre Economia para a Agência de Notícias Lusófonas, de Lisboa, Portugal e para o Diário Liberdade, da Galiza, Europa. Escreve regularmente para jornais e revistas artigos sobre Economia. Autor dos livros: "Conversando sobre Economia" (Editora Alínea, 2002), "Pensando como um Economista" (ed. EBook Brasil, 2010) e "Provocações Econômicas" (no prelo). Áreas de interesse: Economia Social-Solidária; Economia da Comunhão, Desenvolvimento Econômico Sustentável; Eco-Economia (Economia Ecológica).

#### **- Eu queira que você contasse um pouco do seu histórico.**

Eu agradeço a oportunidade para bater um papo. A minha área é a economia, e percebia que tinha uma lacuna que talvez a política me ajudasse. Por isso, fiz o curso de política internacional da escola de sociologia e política de São Paulo - FESP. Tem alguém que diz o seguinte: o que é conhecimento? Conhecimento é tudo que você aprendeu você tira o que você esqueceu o que ficou é conhecimento. Toma lá o que você aprendeu na escola, você aprendeu uma infinidade de coisas, mas o que ficou é



conhecimento. E a economia dita os rumos da política e a política também ditam os rumos da economia.

**- Qual expectativa quando você entra no Ensino superior com uma turma nova, qual é a sua relação com uma turma iniciante?**

A turma iniciante sempre vem com um déficit de conhecimento. Os alunos do primeiro ano já vêm carregando falhas lá de atrás, mas daí você fala: é culpa da faculdade que selecionou os alunos? Nem tanto. Hoje talvez entrar numa faculdade é muito mais fácil do que no passado, talvez seja mais difícil sair formado hoje. Antigamente era mais difícil passar no vestibular. Moral da história: se você não filtra você pega qualquer um, que estou chamando aqui pejorativamente é aquele aluno fraco do ensino médio, que também vem com vícios de má leitura, erros crassos de português, e aí a culpa não é da faculdade, é lá atrás no ensino que não permite qualificar o aluno e ele chega para faculdade.

Na pós-graduação você pega o aluno já lapidado, mas na graduação não, e não é a faculdade a, b ou c, isso é geral. E aí você vê que o ensino esta banalizado, eu vejo ensino de pós-graduação cobrando R\$ 300,00. Que qualidade você tem nisso? Nenhuma, abriu demais. Se você quer dar ensino gratuito para todo mundo é justo, mas ainda não temos estrutura para isso. Qualidade é sinônimo de preço, e não preço lá embaixo. E nisso tudo você acaba pegando todo tipo de aluno. A estratégia é pegar o assunto e trazer para realidade deles. Agora, a área que atuo a economia, nem sempre é agradável e nem sempre o pessoal quer saber disso. O dólar esta derretendo, porque o real esta valorizando, porque é que nós estamos mandando minério de ferro para a China. Quando se cria esse interesse você prende o aluno e chama o aluno para o debate, caso contrário, não. Ele está pouco se importando com o comércio com a China, se a política monetária da Dilma está indo bem ou não.

**- Que dificuldades você enfrentou ou enfrenta na relação professor/aluno na sala de aula?**

A dificuldade maior que vejo é conseguir a atenção do aluno. Esse mesmo aluno que tem uma formação deficitária lá atrás, nem sempre ele esta interessado na sala de aula. O assunto principal que o aluno está interessado é o jogo de futebol, os namoros, natural na idade, nem sempre ele vem imbuído com aquele interesse de abraçar uma

formação. Por que isso? Porque há facilidade de entrar na faculdade. Você pega a geração de vinte ou trinta anos.

**- Logicamente você tem exemplo de coisas boas, mas o que te deixa insatisfeito numa aula?**

Nesse tópico é importante para a gente entender, mas existem vários exemplos belos. O que mais me deixa insatisfeito numa aula é a sensação de estar pregando no deserto do Saara. Ou seja, eu estou falando para as paredes e há muito exemplo disso. Quando você vem com um tema interessante e para eles não é, a sensação que você tem é de estar pregando num deserto, o Saara porque é o mais conhecido. A sensação que eu tenho quando olho para você é: eu estou perdendo tempo aqui, lá fora tem coisa mais interessante para fazer. Isso me deixa muito incomodado. Ninguém está ali para brincar, você vai ali para trabalhar, tanto é que eles até brincam: professor além de dar aula você trabalha? Isso é o que mais me incomoda, ainda vejo isso.

**- Agora vamos falar da instituição que você trabalha: da Diretoria, funcionários, colegas, se possível dar exemplos, pode ser?**

Essa relação é muito importante pra gente saber quando vai entrar com essa perspectiva, então, a gente sabe que academia é difícil que não é brincadeira, mas, como que é para um iniciante? Em geral, o pessoal recebe bem, não tem crítica sobre isso não, já passei em sete lugares até hoje, em sete instituições de ensino. Em geral o pessoal recebe bem, o pessoal é caloroso, agora há instituições que não.

A instituição que eu estou há uma delas vinculada, nós temos um grupo de estudos que é paralelo à sala de aula. E esse grupo de estudos se reúne na faculdade e fora da faculdade. Saímos para tomar um chopp, tomar alguma coisa e discutir sobre aquele grupo de estudos. É um grupo de estudos de comércio exterior, que é heterogêneo, pega não só o pessoal da economia, do comércio, mas quem quiser aparecer, não só professor como aluno. Então, isso acaba criando um alargamento dos laços de amizade. Uma coisa é você falar com um colega dentro da faculdade, você falando fora, você se permite falar outras coisas. Então vai criando uma afinidade muito interessante. Pudera todas as faculdades ter algo semelhante. Você está ali com professores, nem sempre da tua área, mas interagindo, você acaba tomando exemplos de outros professores, de aula, a carreira profissional dele, e interagindo isso é interessante. A entrada, em geral, é muito boa, eu particularmente não tenho o que reclamar em relação a isso.

**- Esse grupo de estudos tem apoio da instituição?**

Não. É nosso, nós que montamos. É um grupo de estudos de comercio exterior, especificamente para trazer professores de outras áreas para esse grupo. Até para fazer também um entrosamento maior, não só para discutir academia, mas para discutir assuntos profissionais, e não só comercio exterior, e acaba sendo heterogêneo, você vai abrindo, chega pessoal da psicologia, outra interessante que é da língua portuguesa, ela vem contando histórias dela, professores que vivenciaram muito tempo no exterior, é muito interessante isso. E isso acaba criando esse alargamento da amizade, você deixa de ser um colega de profissão e acaba sendo um amigo. E isso é bacana.

**- Mas isso só ocorre na (Unifieo)? E nas outras instituições?**

Hoje na Unifieo, mas já aconteceu isso em outras instituições. Até menores um pouco, com menos participações, mas nessa mesma linha. Hoje esse grupo tem participação importante, o Gabriel Chalita foi professor com a gente.

**- O Gabriel Chalita?**

É

**- Ele é da filosofia?**

Ele é filósofo, ele é formado em Direito, tem doutorado em semiótica, ele esta no Mackenzie.

**- Ele esta no PMDB agora não é?**

Sim. Saiu do PSB e foi para o PMDB

**- Em sua percepção quais são as atribuições do professor no Ensino Superior atualmente?**

O desafio penso que é passar a mensagem do que está acontecendo. Trazer o aluno para essa mensagem, o aluno ainda está distante do que está acontecendo na realidade.

**- Então nós vamos e pegamos eles e, às vezes, é bom trazer isso para a realidade do aluno.**

Mas é. Em relação ao aluno você pega gente de todo tipo. Não estou falando de condição financeira. De condição social, de condição psicológica, condição familiar. Você pega gente de todo tipo. Nem sempre esse aluno está inserido no contexto, nem sempre é um aluno que lê um jornal no fim de semana, nem sempre é um aluno que assiste um noticiário, e a sala de aula acaba servindo para trazer esse assunto. Vou te dar um exemplo recente, numa aula de economia, tinha a ver com a morte do Bin Laden, não tinha nada a ver com economia, mas tinha tudo a ver com o momento, e aí eles pediram para falar, o que eu achava de tudo isso. E você acaba percebendo que naquele dia, com aquele evento, o aluno queria interagir em relação àquilo. Se fosse sempre assim, se sempre houvesse um acontecimento bombástico desses e o aluno vem e participa. E sem ter planejado nada, porque acaba virando um bate-papo, não é aquela aula formal, teorizada, que está lá no manual, não. É um bate-papo sobre o assunto. E agora eu vou voltar para aula com essa turma, e saiu uma notícia lance na Folha, não sei se viu, dizendo que um general afirma que esse Bin Laden que morreu não era o Bin Laden, que o verdadeiro Bin Laden morreu há cinco anos. E isso aguça a curiosidade do aluno.

**- Marcos, me diz uma coisa, como é que você relaciona seu plano de ensino com a ementa do curso?**

**- Que é isso que você acabou de falar, às vezes, você chega à sala com uma aula pronta e um aluno vem com um tema?**

Há uma liberdade, em todos os lugares que passei. Claro que você define o plano de ensino. Que você define uma ementa, e é aquele padrão já definido, você sabe o que tem que falar, mas não necessariamente aquilo ocorre do jeito que você escreveu. Até por causa dessas ocorrências naturais, e até mesmo certas. Porque tem assunto que acaba sendo importante. Agora você tem o plano de ensino, você define a ementa, você define o tipo de trabalho. Mas nem sempre você consegue concluir isso. Geralmente a não conclusão não se dá por falta de tempo, mas sim, por assuntos paralelos que vão sendo despertados. Isso é natural. É clássico, pelo menos na minha área, em ano de eleição, é difícil concluir o que havia planejado.

**- Já pegando o gancho da emenda, como é que você consegue dar conta de seu plano de curso, em porcentagem?**

Não vou chutar não, em geral 80%. Vinte por cento dele ficam perdidos. E aí você vai sempre se comparando com os colegas e os colegas também estão nessa linha. A gente sempre se pergunta, conseguiu concluir? Não. Principalmente, no Brasil, muitos feriados. De repente num ano você tem quatro feriados numa quinta-feira, quatro feriados numa quinta-feira representam dezesseis horas a menos no seu conteúdo. Eu duvido que alguém cumpra cem por cento do que traçou no início do ano. São essas intercorrências que acontecem.

**- Eu queria saber o seguinte, um obstáculo didático que o ocorre no seu cotidiano, e um obstáculo pedagógico no processo de ensino/aprendizado dos alunos.**

Em geral não tem grandes obstáculos pedagógicos. Por exemplo, vou dar uma aula com Power Point, data-show. Não tem.

Ah, não, mas aí você se programa antes. Nem sempre em toda sala de aula você vai ter um Power Point ou Datashow disponível para você, mas para isso você tem uma programação. Isso nunca falha. Exceto cair a energia. O atípico do atípico. A exceção da exceção. Em geral não, não tem muitos obstáculos pedagógicos em trabalhar um conteúdo, de trabalhar um determinado tema.

**- Pode falar sobre os obstáculos didáticos? E se alunos travam ou assimilam bem.**

Não, não travam, não. Assimilam. Principalmente o pessoal da economia. Agora evidente que se você vem com esse mesmo discurso para o pessoal da administração, você já tem que pisar um pouco menos no acelerador. Até por que não é o ideal deles, não é o tipo de leitura que o pessoal da administração vai fazer. Agora, o pessoal da economia já não. Já está na praia deles, já têm obrigação de saber quem foi, como foi, o que fez, porque fez. Depende muito então do público que você está dizendo. O público alvo é fundamental. Uma coisa é falar de economia para quem será economista. Outra é para quem vai ser contador, administrador de empresa. Então você tem que dosar isso. E esse cuidado nós temos.

**- Que cuidados você tem com a equipe, com o departamento?**

Cuidado com o público alvo. Só um detalhe antes. Economia uma matéria é tão estranha, você deve saber disso, que tem até um apelido: “economês” é utilizar termos

técnicos que são fundamentais, não dá para fugir disso, mas técnicos, o tempo inteiro. Para você falar isso para um público que já está estudando economia, quem esta no quarto ano de economia, é uma coisa. Mas você não vai falar isso para quem está no segundo ano de administração. Vão falar “pô!.. qual é a ideia dele?”. E aí você tem que tomar esse cuidado. Então, dependendo do público alvo você sabe que você pode falar um termo técnico, se ele não souber, ele vai ter a obrigação de buscar. Mas para um público que não é da economia, você não pode falar isso, você usa um sinônimo. Há “N” exemplos de termos técnicos que eu uso na economia, mas não falo para uma turma de administração, ficou claro?

**- Avaliação. Como você faz a sua avaliação?**

Avaliação é o seguinte. Em geral as faculdades optam por duas avaliações: uma valendo peso três e outra valendo peso sete. Isso no semestre. E dentro desse período você organiza a sua avaliação.

**- E se você não quiser seguir a da instituição pode seguir a sua?**

Não, não. Uma avaliação é obrigatória, marcada pela instituição. Uma avaliação é a avaliação da instituição.

**- Então não dá para fugir.**

Não. O que dá para fugir é nos três pontos. Se você não quiser dar prova valendo três pontos, você opta por trabalho ou outro tipo de avaliação. Mas essa de sete pontos é obrigatória, tanto é que é marcada pela instituição. Nessa de três não. Você marca você opta por prova ou trabalho.

**- Uma colega estudou na UNIFIEO, e era uma aula no primeiro semestre e outra no segundo semestre. E era aquilo. Era um mata a mata geral. E continua assim?**

Continua. Só que é peso três e peso sete. E nesse peso três você, professor, tem a flexibilidade para avaliar do jeito que você quiser. Eu opto por prova. Agora vou ser bem franco para você, opinião particular, eu acho a prova extremamente antipedagógica, mas extremamente antipedagógica. E lhes digo por quê. A prova é um documento que você marca num dia para avaliar o aluno. O aluno não deve ser avaliado por um documento em um dia, ele deve ser avaliado ao longo do semestre, ao longo de todos os dias, ao longo do processo pela participação dele na aula, da assiduidade, do

debate, pelo comportamento, do interesse. Se você é aluno, brigou com a namorada e foi fazer a prova no dia, você está abalado. Se você, aluna brigou com o marido, perdeu o emprego de manhã, como é que você vai fazer essa prova? Você está abalado, afeta o seu raciocínio.

**- Na academia avaliação diagnóstica processual para ter essa percepção sobre a vida dos alunos, é uma práxis ou não?**

É, é uma prática.

**- Mas não chegou ainda essa avaliação diagnóstica consensual. É o contrário.**

Ah, não. Entendi. Eu estou na prática do modelo antigo, arcaico, retrógrado, tradicional. O que eu proponho, muito modestamente, o que eu entendo, é que a avaliação tradicional é antipedagógica. Exatamente por isso, você pode ter um excelente aluno ao longo do semestre e naquele justo dia da tal da prova acontece algo diferente na vida dele e é só. Mas aí o quê que vale? Vale o documento da prova. Pô, como é a frequência dele? É uma estupidez você segurar um aluno dentro da sala de aula. Ele vai se ele estiver a fim, ele está pagando. Tem que ter compromisso, não é um documento chamado prova que você segura um aluno na sala de aula. Então ao longo desse tempo eu sempre achei prova e frequência como atos antipedagógicos. Para mim joga contra. Eu tive um professor na graduação, hoje meu amigo, Celso Vaz, brilhante, oitenta e três anos está dando aula comigo ainda. Uma experiência internacional incrível, quinze anos de ONU. A aula dele era maravilhosa. Nós éramos uma turma de cinquenta, cinquenta e cinco alunos. Sabe quantos ficavam na aula dele de sexta feira, as duas últimas? Onze, e eu era um deles. Por quê? Porque nós tínhamos interesse em ficar.

**- E ele reprovava por falta os outros?**

De jeito nenhum. Fica quem quer. Esses dez, onze, eu entre eles, adorávamos. A aula terminava quinze para as onze. Saíamos às vezes onze e cinco onze e dez e ele falando. Você entendeu? Então, é muito melhor do que ficar com cinquenta alunos dentro da sala de aula, preocupado com a chamada, desinteressados. Não! Fica quem quiser. A aula ganha, a aula flui melhor, o debate acontece. Aproveita quem quer. E qual é o modelo de hoje? Você tem que fazer chamada. Eu vou amarrar aluno? Fica quem quer. Nós estamos falando de adultos. Interessa quem quer. Parece àquela história “Quero ir ao banheiro. Posso ir?” (risos). Nós estamos falando de adultos.

**- Mudando um pouco a conversa. Eu queria saber se você tem experiência com educação a distância EaD e qual sua opinião sobre essa área de ensino.**

Olha, eu nunca trabalhei com ensino a distância. Tem amigos que trabalham. Parece que vai bem. Dependendo de como é o “modus operandis” disso. Essa história de só on-line, eu entendo que em um determinado momento ela tem que ter um presencial. Você pode fazer noventa por cento on-line, mas uma hora você vai ter que fazer a arguição, ali tête-à-tête. Mas eu nunca trabalhei, não sei te dizer como que é esse funcionamento, a relação professor aluno, sem se conhecer, no campo virtual, no campo da informática. Agora o que eu ouço falar é que pelo menos uma presença, uma participação física ali, é interessante que se tenha. Eu vejo dessa maneira. Mas está crescendo, a educação a distância EaD, está crescendo muito, até por conta de diminuir custo, não é? Ainda infelizmente, muita gente ainda vê o professor como custo e o aluno como receita. Para tanto, referendamos a fala do colega professor, apresentando uma síntese da Educação à Distância - EaD:

A Educação a distância no Brasil teve início no século XV, com a chegada dos “colonizadores” portugueses e os jesuítas, que tinham como missão a catequização dos povos indígenas. Neste sentido podemos dizer que estes primeiros viajantes, historiadores, exploradores e jesuítas foram os pioneiros da educação à Distância no Brasil. Eles foram os primeiros tutores presenciais, trazendo e passando informações de uma “escola” diferenciada que estava em Roma.

No entanto, a modalidade de ensino a distância que objetiva a transmissão de informações, profissionalização, formação e capacitação de caráter não presencial ou semipresencial, surge no país em 1904, com o ensino por correspondência, ofertado por instituições privadas que ofereciam educação não formal por meio de cursos profissionalizantes em áreas técnicas, sem exigência de escolarização anterior.

Segundo Alves (2008) neste período os cursos eram realizados por correspondência, através de transporte ferroviário.

Segundo estudos realizados anteriormente tal como Torres e Vianney (2004), este modelo de 1ª geração consagrou-se na primeira metade do século com a criação do Instituto Monitor (1939), do Instituto Universal Brasileiro (1941) e de outras organizações similares, responsáveis pelo atendimento de mais de três milhões de alunos em cursos abertos de iniciação profissionalizante até o ano 2000. Muito embora as experiências ao longo do tempo tenham sido positivas, havia certo preconceito, por



parte da sociedade, visto que não havia uma regulamentação por parte das autoridades governamentais. No início da década de 1920, a partir da fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (1923), inicia-se a EaD via rádio.

Em 1934, Edgard Roquette-Pinto instalou a Rádio-Escola Municipal no Rio de Janeiro no projeto para a então Secretaria Municipal de Educação do Distrito Federal dirigida por Anísio Teixeira integrando o rádio com o cinema educativo (Humberto Mauro) a biblioteca e o museu escolar numa pioneira proposta de educação à distância. Estudantes tinham acesso prévio a folhetos e esquemas de aulas. Utilizava também correspondência para contato com estudantes. Já em 1939 surgiu a primeira escola brasileira, fundada para ofertas cursos a distância, o Instituto Monitor, na época ainda com o nome Instituto Rádio Técnico Monitor, seguido pelo Instituto Universal Brasileiro (IUB), a primeira Universidade do Ar, em 1941, ambos em São Paulo. A primeira Universidade do Ar durou até 1944. Entretanto, em 1946 surge a Nova Universidade do Ar, patrocinada pelo SENAC, SESC e emissoras associadas. A Universidade do Ar estava voltada para o treinamento de empregadores e empregados do comércio em técnicas comerciais. Os conteúdos eram gravados em discos de vinil e reproduzidos pelas emissoras de rádio. Em 1950, a Universidade do Ar atendia 80 mil alunos, chegando a 318 localidades.

Na década de 1950 a EaD cresce possibilitando acesso à democratização do ensino, preferencialmente por correspondência. Durante a década de 1960 com o Movimento de Educação de Base (MEB) a Igreja Católica e Governo Federal utilizavam um sistema rádio - educativo: educação, conscientização, politização, educação sindicalista etc.

Em 1961, a Fundação João Batista (TV Rio) produziu um curso com o objetivo de alfabetizar os adultos. O curso foi a primeira iniciativa de televisão educativa no Brasil e ficou no ar até 1965. A partir de então muitos outros programas educativos surgiram no Brasil, como os Telecursos da Fundação Roberto Marinho, a Televisão Universitária da USP (Universidade de São Paulo), a TV Escola do MEC (Ministério da Educação), entre outros.

É importante ressaltar que no ano de 1964, época marcada pelo regime militar, houve a censura que acabou com a rádio educativa brasileira. Entretanto em 1965, houve a criação da TV educativa, ou seja, programações e até mesmo redes televisivas com o intuito de democratizar o ensino por meio desta ferramenta que chamamos por televisão.

Em poucos anos a TV educativa era tida como mais uma oportunidade para a educação formal fora da escola, possibilitando o acesso a um número significativo de pessoas em todo o Brasil. Desse modo, compreendemos que o surgimento da televisão propiciou a criação do que conhecemos por TV educativa, que tem sido um dos meios de difusão do conhecimento, e de alfabetização no Brasil, auxiliando no processo de democratização do conhecimento ao alcançar pessoas que até então, em sua grande maioria, não haviam tido acesso a educação.

Na década de 1970, o Brasil tornou-se referência internacional em EaD. O Ministério da Educação e Cultura cria projetos de capacitação de professores e de formação de jovens e adultos, para os Centros de Estudos Supletivos (CES). Na década de 1970, surge a Fundação Roberto Marinho, a qual coloca no ar o telecurso 1º. E 2º. Graus, um programa de educação supletiva à distância, para ensino fundamental e ensino médio.

Em 1973 tivemos a criação da Universidade de Brasília (UnB), primeira instituição superior brasileira a utilizar a modalidade de educação à distância. Neste mesmo ano, registra-se a criação do Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação (IPAE), que realizou o primeiro Encontro Nacional de Educação a Distância. Alves (2008) destaca a relevância do IPAE na formulação de dispositivos para a criação da Secretaria de EaD, na Presidência da República, posteriormente transferida para o MEC.

Segundo Alves (2008) a história da EaD no Brasil, demonstra que entre as décadas de 70 e 80 houve grandes mudanças nesta modalidade de ensino, que passou a apoiar-se em novas tecnologias, ampliando o acesso à educação.

De acordo Torres e Vianney (2004), entre as décadas de 1970 e 1980, fundações privadas e organizações não governamentais iniciaram a oferta de cursos supletivos à distância, no modelo de teleducação, com aulas via satélite complementadas por kits de materiais impressos, demarcando a chegada da segunda geração de EaD no país.

A maior parte das Instituições de Ensino Superior brasileiras mobilizou-se para a EaD com o uso de novas tecnologias da comunicação e da informação somente na década de 1990.

Em 1992, foi criada a Universidade Aberta de Brasília (Lei 403/92), podendo atingir três campos distintos: a ampliação do conhecimento cultural com a organização de cursos específicos de acesso a todos, a educação continuada, reciclagem profissional às diversas categorias de trabalhadores e àqueles que já passaram pela universidade; e o

ensino superior, englobando tanto a graduação como a pós-graduação. Em 1994, teve início a expansão da Internet no ambiente universitário.

Muito embora a oficialização e regulamentação da Educação à Distância no Brasil ocorreram com a lei nº 5692 de 11 de Agosto de 1974, artigo 26 que versa sobre o ensino Supletivo à Distância, somente com a lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 regulamentaram e ampliaram novos cursos.

No período de 1996 a 1998, temos o desenvolvimento de um ambiente virtual de aprendizagem, no Laboratório de Educação a Distância (LED), da Universidade Federal de Santa Catarina. (UFSC). Utilizando-se de videoconferências, o LED passou a oferecer cursos de especialização e mestrado em várias partes do Brasil.

Muitos ainda consideram que os resultados alcançados durante o período de implementação da educação à distância no ensino superior no Brasil, de 1994 a 2002, em especial nos modelos orientados para o uso intensivo de Novas Tecnologias de Informação e da Comunicação (NTIC), com o conceito de Universidade Virtual, representam, na verdade, o fechamento de um século de história de educação à distância (EAD) no país.

De acordo com Torres e Vianney (2004,3):

Em que pese o envolvimento tardio das universidades brasileiras com a modalidade da EAD, ao redor do ano 2000 já estavam concluídos no país os ciclos de aprendizado acadêmico e de gestão tecnológica para a criação de universidades virtuais.

Portanto, pode-se afirmar com base nos estudos acerca da história da modalidade EaD no Brasil que em praticamente cem anos, desde 1904 e até 2002, a educação a distância no país faz o percurso desde o ensino por correspondência até a Universidade Virtual, como mostra o quadro a seguir, retirado do texto de Torres e Vianney (2004). Desse modo contextualizamos a EaD para dar consistência ao pressuposto da teoria e prática.

### **- O que você pensa sobre a didática no ensino, pesquisa e extensão?**

Bom, para isso você tem nos cursos que eu leciono dois tipos de trabalho: O TCC – Trabalho de Conclusão do Curso e a Monografia. Trocando em miúdo isso, esquecemos siglas. O que é isso? Iniciação a pesquisa científica. Você ensina o aluno a como fazer pesquisa científica. E ensina o aluno a fazer a meta-análise, o que é meta-

análise? Você pegar quatro cinco que falaram bem de determinado tema e outros autores que não falaram tão bem daquele tema. E faz o cruzamento, faz a meta-análise.

Isso é a iniciação ao trabalho científico. Isso é salutar, saudável em todo tipo de disciplina, é necessário que o aluno tenha uma gabaritação sobre um assunto, conhecer certos autores que trataram tal tema, conhecimento dos autores que trataram de tal tema, assunto no âmbito dele, assunto do “métier” dele, que tem a ver com a disciplina dele. E aí desenvolve técnicas de pesquisas, de escritas, oral, porque aí você tem uma apresentação oral, passar por banca, avaliação, uma pré-qualificação. Qual é o sistema tradicional? Você vai inserindo o aluno na discussão coloca isso, coloca tal autor, diminui tal autor, conclui você, você vai ajudando o aluno nessa pesquisa, nessa prática didática e pedagógica. Isso tudo vai moldando o aluno, principalmente, para aquele que quer seguir carreira acadêmica é um pontapé inicial.

#### **- Qual é a média de evasão na sua instituição?**

Depende muito da situação financeira de cada um, depende muito disso. Em geral, primeiro ano, você começa com 80% ou 90%, passou disso na Unifio, que você conhece, diminui de cara 30%, é impressionante isso. Talvez porque ele não tenha gostado do curso, talvez porque quer tentar outra coisa, ou porque vai mudar de cidade, ou porque realmente a situação financeira apertou e ele achou que iria conseguir uma bolsa, você tem muitos motivos. Os motivos são diversos, não cabe nem aqui ficar explicitando a situação, mas esse índice é natural. Você coloca 20%, 30% no sexto mês de ensino, no sexto semestre, isso diminui no quarto ano porque aí ele vai fazer de tudo para terminar. Mas no começo não. Você tem uma redução substancial do primeiro para segundo semestre, quando muda as férias, vai ter gente que você não vai encontrar mais, ou mudança de curso, até mesmo na mesma instituição.

#### **- Vocês conseguem essa pesquisa?**

Eles têm esses dados, até para saber se é questão financeira. O primeiro critério pra saber sobre isso é perguntar por que é que o aluno está saindo. Até porque, se há uma desavença com a faculdade, esse aluno lá fora é uma propaganda negativa para a instituição.

**- Você compartilha vivência com os alunos? Sim ou não e por quê?**

A vivência é natural, compartilho. Há trabalhos pessoais que faço com eles, artigos, pesquisas, não só tem email particular, o blog, a própria faculdade disponibiliza o próprio site, os professores têm total acesso, você disponibiliza um texto, uma entrevista e os alunos têm acesso a isso. Esse compartilhamento é natural, ele ocorre.

**- Você costuma seguir as normas da instituição, como a ementa, os sistemas de avaliação. O que gosta ou o que não gosta nesse rol de coisas que envolvem sua prática docente na instituição.**

Seguir você segue, nem sempre você aceita. Você tem que dançar conforme a música, mas nem sempre quer dizer que você esta gostando da música. É o caso que falei que a prova é antipedagógica, mas a faculdade impõe esse sistema e você tem que seguir, não é eu que vou bancar o revolucionário para não fazer isso. Um belíssimo exemplo é o filme Sociedade dos Poetas Mortos, no final tem um professor que contraria as normas do colégio e acaba sendo expulso do colégio. Ele perde o emprego, mas nem é o emprego que esta em jogo, a missão é trazer os alunos para aquele debate. Outro filme que trabalhei em sala de aula, o Clube do Imperador, Alguém já viu isso, anotem para ver. Excepcional! É uma escola tradicional norte-americana, onde formam novos executivos, onde vão formar novos políticos, a nova cabeça pensante da sociedade americana, e tem uma ortodoxia em volta disso, e tem um professor de historia que se defronta com aquele aluno filho de papai, burguês ao extremo, que só esta ali para pegar o canudo dele e falar lá fora: formei-me pela instituição tal, e ele vai dialogar com aquele aluno. Ele traz o aluno para realidade.

**- Você conhece algum caso de alguém que brigou com a instituição?**

Sim, conheço. Tem sim. Teve gente que não se achou reconhecido, que sentiu ofendido. Porque o curso tem mais alunos, porque o curso tem mais respeito e ele se julga no direito de reservar o auditório sempre para a turma dele.

**- Como que é atribuição de aulas lá?**

Atribuição de aulas é desde o início, você se programa. Olha, tenho tal dia disponível. E você já tem as suas aulas, aí o coordenador passa isso para você, mas acontece. Tem também outras situações: olha tenho tal aula aqui e vou trazer alguém de fora, isso acontece. Fazer o quê? Quem manda é o coordenador, mas em geral aquilo é

respeitado, mas você pode também reclamar, olha eu dava aula segunda e terça, mas estou com compromisso particular, então, estou desejando dar aula tal, você pode até indicar alguém, não quer dizer que vai ser aceito, mas em geral se pega professor da casa. Evita-se contratar.

**- O que você gostaria de fazer no seu ensino-aprendizagem que não fez até agora?**

O que acho que gostaria de fazer não, o que eu gostaria de vir acontecer na frente. Isso já aconteceu comigo e já me deixou muito satisfeito, você transformar um aluno em professor. Eu ajudei esse aluno. Vi que tinha potencial indiquei um curso de pós, ele foi fazer, e concluiu, e olha como o universo conspira a favor; meses antes dele conclui me pintou um convite para dar aula na instituição, um amigo me chamou e disse que era a tua área economia. Lembrei-me desse aluno, liguei para o aluno e perguntei: você esta terminando? Estou. Você quer? Quero. Eu liguei para a instituição: vocês aceitam? Ele não tem experiência. Eles aceitaram, não deu outra, ele está dando aula. Depois esse aluno veio me agradecer, mas não tem que agradecer nada, se está lá é porque se deu bem. Se isso acontecer mais vezes eu penso que pelo menos uma sementinha eu plantei. Não que você transformou um aluno em professor, você criou nele um desejo de abraçar uma carreira. E isso aconteceu duas vezes, e hoje eles estão trabalhando bem. Isso é gratificante.

**- Quais recursos didáticos você mais utiliza?**

Certamente o Power Point.

**- Didático, técnico.**

Técnico Power Point, agora didático textos, livro você indica, tem texto obrigatório, então se não leu está perdido, nem vem para a aula. Textos são fundamentais.

**- E geralmente é livro que você indica, ou é parte de texto?**

Uma das matérias que eu trabalho você tem o livro base, agora ao longo do tempo, capítulos do livro, e ao longo enxertam-se artigos que referenciam o conteúdo. Você tem esses artigos que são os recursos mais usados.

**- Em sua opinião qual o papel da Universidade na sociedade hoje?**

Eu fico com Piaget, que diz o seguinte: o dever da universidade é criar mentes críticas, eu fico com isso. Não é criar o administrador, o advogado, o economista, além disso, a mente crítica não é o cara chato por natureza, o cara crítico, nem sempre aceita o que está aí, o que é imposto, não por ser o reacionário, o subversivo. O Piaget diz que o papel na Universidade é criar mentes críticas. Eu tenho grata satisfação de ser próximo ao Ladislau Dowbor<sup>6</sup> que trabalhou com o Jean Piaget em Genebra, ele é genro do Paulo Freire. Aí batendo um papo com ele, e eu não ia perder a oportunidade de conversar com alguém que trabalhou com Piaget e perguntar, e ele me disse, é isso mesmo, você está certinho. Olha a dádiva que é esse mundo da educação. E a educação te traz isso.

---

<sup>6</sup> Professor de Economia na PUC SP pesquisador na área de economia sustentável, alternativas de ocupação e renda e economia solidária, genro do Paulo Freire e estudou do Piaget na Suíça.

## **Professora Ms. Jakeline Aparecida Semechechem**

Jakeline Aparecida Semechechem possui mestrado, área de concentração Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), graduação em Letras pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO) (2006). Atua como docente no Ensino Superior, nas disciplinas de Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Leitura e da Escrita, Metodologia de Pesquisa, Técnicas da Comunicação e Trabalho de Conclusão de Curso (FACULDADE ALVORADA), na pós-graduação com a disciplina de Metodologia da Pesquisa e como tutora a distância no curso de Letras Universidade Estadual de Maringá/Universidade Aberta do Brasil - UAB. Tem experiência e desenvolve pesquisas na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: letramento, interação, identidades sociais e multilinguismo.

### **- Que expectativa o professor têm ao iniciar uma turma no Ensino Superior?**

O professor tem a expectativa de que todos os alunos estarão com interesse e preocupação no seu processo de formação como profissional e não apenas na obtenção de um curso superior.

### **- Como foi sua primeira aula no ensino superior, estava segura, insegura? Foi o que você pensou?**

Estava insegura com receio em relação à reação dos alunos

### **- Por quê?**

Era uma turma só de homens, curso de Sistemas da Informação e era a primeira aula deles de língua portuguesa a coordenadora tinha alertado.

### **- Que dificuldades enfrentou ou enfrenta na relação professor/aluno na sala de aula?**

A visão que o aluno tem em relação ao professor, geralmente quer que o professor seja aquele que repassa o conhecimento, sem que ele, como aluno, precise construir em conjunto esse processo.



**- O que te deixa insatisfeita depois de uma aula?**

O fato que durante a aula o aluno estar simulando prestar atenção, para dar a impressão que estava orientado para o conteúdo, ou ainda, a necessidade de algumas vezes ter que ficar engajando os alunos na atividade para que prestem atenção, observem etc

**- Quando foi admitida como docente na instituição, como foi o acolhimento dos colegas? - Como foi recepcionada por outros professores, coordenador, diretoria, reitoria.**

Fui bem acolhida pela coordenação que sempre foi prestativa e deu liberdade de trabalho. Com a diretoria tive pouco contato, pois a sede da instituição é em outra cidade (Curitiba). Quanto aos colegas professores, não tive muitos contatos de início, pois era uma professora de licenciatura trabalhando em cursos de ciências sociais, por exemplo. Mas, meu maior contato e interação se deu com professores dos cursos de Pedagogia, Matemática e Letras, embora trabalhe em cursos como Direito, Administração etc.

**-Você citou a coordenadora...**

Sim. Citei a coordenadora, o projeto pedagógico do curso, outros cursos de outras instituições etc.

**- Mas e o coletivo, há um trabalho coletivo?**

Não. Por exemplo, dois professores conversarem, mesmo que informalmente sobre as aulas, nesse curso os professores de sistemas conversam entre eles.

**- Por área?**

Sim mas temos reuniões periódicas. Já no curso de pedagogia é diferente conversamos sobre tudo, ementa, etc.

**- E em geral, o que mudou agora que você tem experiência no superior?**

A aula. Adquiri mais segurança.

**- E a relação com seus alunos?**

Talvez ter um pouco mais de autoridade, não autoritarismo, mas, no começo eu não chamava a atenção. Hoje não. Quando é necessário dou até sermão. Por exemplo: fizeram uma tarefa relaxada, antes eu não questionava, aceitava, ficava quieta, hoje não.

**- Porque você acha que antes deixava passar? Talvez porque era nova no trabalho?**

Comigo rolava isso por insegurança, ou ainda, por achar que no ensino superior não precisava cobrar essas coisas.

**- Quando isso mudou?**

Quando percebi que os alunos deviam ter consciência do que eles estavam fazendo

**- Houve alguma coisa em especial?**

Quando comecei a perceber que a flexibilidade não ajuda.

**- E a instituição? Como é nesse sentido, a privada?**

Eu acreditava que ser uma professora flexível e boazinha teria excelente rendimento dos alunos.

**- Ela apoia você?**

Eles dizem que tem que ser meio termo.

**- Ou ela defende os alunos e a ideia de que eles são clientes?**

Não cobrar demais e também não deixar passar.

**- Ter uma relação legal com os alunos...**

Apoiam sim. Teve uma situação em que me desentendi com um aluno de direito porque ele não acreditava em mim ai ele ameaçou sair da instituição, fez maior barraco. A coordenação pediu que se ele não estivesse satisfeito era para sair mesmo, a relação é ótima.

**- Na sua percepção, quais são os desafios da atribuição do professor no Ensino Superior atualmente?**

Interagir com a diversidade de interesses dos alunos e, principalmente pelo modo como os alunos se posicionam em relação ao professor em sala de aula, o professor é aquele que não deve dar respostas prontas, receitas etc. Embora, se tente

trabalhar e mostrar que o processo deve ser conjunto, os alunos ainda tem arraigado uma concepção tradicional de ensino.

**- Como relaciona o seu plano de ensino com a ementa do curso?**

Meu plano de ensino é desenvolvido a partir da ementa.

**- Consegue dar conta de quantos por cento do seu plano de curso?**

Geralmente consigo cumprir todo o plano de ensino e dar conta da ementa da disciplina, claro que dando ênfase para alguns conteúdos e para outros menos.

**- Gostaria de saber um exemplo de um obstáculo didático e um obstáculo pedagógico no processo de ensino aprendizagem dos alunos, pode ser?**

Obstáculo didático estão relacionados ao recursos como ficar solicitando fotocópias para os alunos, ou ficar ligando datashow etc, gostaria de ter uma lousa digital. Obstáculo pedagógico seria relacionado as concepções sobre ensino que os alunos têm e muitas vezes seus objetivos que nem sempre buscam uma formação integral, mas só obtenção de um curso superior. Geralmente esses cursos (Sistemas) tem certa resistência em achar uma relação com a matéria e o que eles veem no curso de modo geral.

**- Interessante, e o que você fez para chamar a atenção deles para disciplina?**

Primeiro mostrei para eles a importância da disciplina para qualquer área da sua formação como um todo, dei exemplos de situações que eles precisassem desenvolver nos projetos, mas ainda era algo fora da realidade deles. Muitos já trabalham com desenvolvimento de softwares e diziam que há pessoas pagas para fazer isso na empresa.

**- Já teve uma experiência em EaD e qual a sua opinião sobre esta modalidade de ensino?**

Sim, sou tutora a distância há quase um ano. Percebo que nem todos os alunos da EaD tem características para fazer um curso a distância, pois falta disciplina, empenho, iniciativa etc. É uma modalidade de ensino que ainda precisa ser consolidada no Brasil, a população precisa ir para um curso a distância destituída do mito que será mais fácil.

Diferentemente, no Brasil que a maioria dos cursos a distância são para aquelas pessoas que não tem oportunidade de ter acesso a universidade (exemplo disso é a Universidade Aberta do Brasil)<sup>7</sup>, em outros países, principalmente, de primeiro mundo, a EaD é para aquelas pessoas que tem autodidatismo para estudarem. Em síntese, penso que é uma modalidade de ensino que depende muito dos recursos que a intuição oferece (material didático, aulas etc) e principalmente do aluno. Para elucidar a resposta da colega professora apresentamos um apud da ABRAED, 2007, p. 154.

A consolidação da EaD no Brasil se dá concomitantemente a sua aplicabilidade regulada pela lei, com intuito de ampliar sua aceitação no âmbito governamental e social.

A oficialização da Educação à Distância no Brasil ocorreu com a lei nº 5692 de 11 de Agosto de 1974, artigo 26, que versa sobre ensino Supletivo à Distância. As bases legais para essa modalidade foram estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases na Educação Nacional nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, regulamentada pelo decreto nº5.622 de 20 de dezembro de 2005, que revogou os decretos nº2.494 de 10/02/98, e nº2.561 de 27/04/98, com normatização definida na Portaria Ministerial nº4.361 de 2004. No decreto nº5.622 dita que, ficam obrigatórios os momentos presenciais para avaliação, estágios, defesas de trabalhos e conclusão de curso. Classifica os níveis de modalidades educacionais em educação básica, de jovens e adultos, especial, profissional e superior; os cursos deverão ter a mesma duração definida para os cursos na modalidade presencial; os cursos poderão aceitar transferência e aproveitar estudos realizados em cursos presenciais, da mesma forma que cursos presenciais poderão aproveitar estudos realizados em cursos à distância. Regulariza o credenciamento de instituições para oferta de cursos e programas na modalidade à distância (básica, de jovens e adultos, especial, profissional e superior).

A Educação a Distância, ganha expansão em ambientes corporativos ou na formação profissional. O mercado corporativo também é alvo de parte significativa das instituições, assim como sindicatos e associações ou organismos de representação de classe profissional. As empresas

---

<sup>7</sup> Projeto UAB – Universidade Aberta do Brasil do MEC. Trazer as Universidades Federais para cidades pólos. Desenvolve a ideia de “Educação a Distância” e não “Ensino a Distância”.

procuram, através da EaD, capacitar seus funcionários, parceiros e fornecedores, com o objetivo de desenvolver talentos humanos na gestão de negócios, possibilitar a gestão do conhecimento e organização, por meio de um processo de aprendizagem contínuo e ativo (EBOLI, 1999). No Brasil, a empresa, ONG Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), se destaca nesta empreitada sendo exemplo interessante da parceria entre o ramo de negócios da empresa e a proposta de inclusão social por meio da EAD.

**- O que você pensa sobre a didática no ensino, pesquisa e na extensão?**

A didática é fundamental, pois é preciso além de ter o conhecimento do conteúdo, saber como ministrá-lo.

**- Qual é a média do índice de evasão na sua instituição?**

Na instituição privada, que atuo como professora, a evasão acontece por problemas financeiros e falta de identificação do aluno com o curso. Essa evasão acontece na maior parte no primeiro ano de curso, geralmente cerca de dez ou quinze por cento.

Na instituição pública que atuo como tutora, a evasão acontece do final do primeiro para o início do segundo ano de curso, geralmente porque o aluno não consegue acompanhar o curso, fica para exames em várias disciplinas e muitas vezes para dependência e também porque alguns não se identificam com o curso. Mas, a maioria dos desistentes diria que é porque percebem que estudar a distância “não é tão fácil como parecia, não é uma graduação que poderia ser ‘empurrada’ somente”.

**- Você compartilha vivências com seus alunos, porque?**

Sim, principalmente, para exemplificações e ilustrações de conteúdos, para fazer analogias etc.

**- Você costuma seguir as normas da instituição, como a ementa, o sistema de avaliação etc.? O que gosta e o que não gosta?**

Sim. Devemos seguir as normas da instituição. Gosto da autonomia que temos no trabalho em sala de aula e não gosto da aritmética usada na avaliação, com maior valoração para prova escrita. Em relação à ementa, depende do curso. A ementa da disciplina de pedagogia penso que é boa, só acrescentei mais referências. Já em sistemas, não acho boa, é muito gramatical, comecei focar gêneros, mudei um pouco o plano de ensino e isso foi possível porque a ementa era fraca.

**- O que você gostaria de fazer ou desenvolver no seu processo de ensino/aprendizado com os educandos e não fez até agora?**

Projetos e trabalhos que não fiquem somente em sala de aula, mas que envolvam a comunidade.

**- Quais recursos didáticos você mais utiliza nas suas aulas?**

Cópias de textos e Datashow.

**- Na sua opinião qual é o papel da universidade com a sociedade?**

O papel da universidade com a sociedade não deve ser somente quando os alunos egressos vão atuar, mas deve ser contínuo durante o processo de formação desses alunos. Exemplos: desenvolvimento de projetos, oficinas etc.

## 2.2- Análise comparativa dos diálogos: as devolutivas

Questões	Entrevistado 1	Entrevistado 2
Área de atuação	Economia/Política RI	Língua Portuguesa
Tempo de docência no Ensino Superior	16 anos	4 anos
Instituição	UNIFIEO e FITO	UEM (EAD) Faculdade Alvorada
Expectativa com uma nova turma de alunos	Preocupação com o “déficit” de conhecimento	Ex. da primeira turma: insegurança: - curso de elétrica, - maioria dos alunos do sexo masculino
Dificuldades no trabalho docente	Conseguir a atenção dos alunos	Visão tradicional dos alunos sobre educação, tendo o professor como único portador do conhecimento.
O que o deixa insatisfeito?	Falta de atenção dos alunos, sensação de ineficácia da aula.	Falta de atenção dos alunos, sensação de ineficácia da aula.
Coletivos dos professores	Ótimo, inclusive com um grupo de estudos interdisciplinar, mas sem apoio institucional.	Não há
Atribuições e desafios do professor de Ensino Superior	-diversidade do conhecimento dos alunos; -despertar para uma consciência crítica	-diversidade do conhecimento dos alunos; -concepção tradicional de educação dos alunos
Prescrições: • Ementa e Plano de Ensino	Professor elabora a ementa, mas a atividade em sala de aula é diferente.	Ementa é da Instituição, e com base nela o professor elabora o plano de Ensino, mas há a possibilidade de

		acrescentar alguns itens à Ementa, como bibliografia.
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aplicabilidade do Plano de Ensino</li> <li>• Por quê?</li> </ul>	80% - feriados - assuntos paralelos que surgem no curso	100% - privilegiando alguns conteúdos / temas
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação</li> </ul>	- fixada por normas da instituição; - 1 prova obrigatória com peso 7, os outros 3 pontos o professor pode escolher a forma. Este professor escolhe a prova, apesar de considerá-la. “antipedagógica”	- fixada por normas da instituição; - valorização da prova escrita, mas há autonomia na sala de aula.
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como deveria ser a avaliação</li> </ul>	-instrumento que visualizasse todo o processo de ensino-aprendizagem (interesse nas aulas, assiduidade, compromisso, etc.).	- valorizar mais os outros trabalhos realizados nas aulas
Experiência em EAD	Não	Sim
Opinião sobre EAD	-precisa ter uma porcentagem de ensino presencial; -questão econômica: instituição analisa somente custo/benefício	- para o aluno, é mais difícil que o ensino presencial, pois é preciso disciplina e compromisso; -a EAD é boa principalmente para aqueles que não têm acesso à Universidade; - Êxito da EAD depende dos recursos da Instituição e da iniciativa do aluno
Ensino, Pesquisa e Extensão.	- Na universidade, há uma introdução à Pesquisa na	- didática é fundamental para saber ensinar determinado



	<p>elaboração do TCC e da Monografia;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- desenvolve técnicas de pesquisa;</li> <li>- meta-análise</li> </ul>	<p>conteúdo;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- não menciona a pesquisa</li> </ul>
Índice de Evasão / Motivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 30% antes da metade do curso;</li> </ul> <p>Motivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- não identificação com o curso escolhido;</li> <li>- problemas financeiros</li> <li>- mudança de residência</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 15% antes da metade do curso;</li> <li>- índice é maior na EAD;</li> </ul> <p>Motivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- não identificação com o curso escolhido;</li> <li>- problemas financeiros</li> <li>-Reprovações que acumulam Exames;</li> </ul>
Compartilhamento de vivências com os alunos	<p>Sim</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-compartilhamento de artigos, pesquisas, etc.</li> <li>- não menciona assuntos pessoais</li> </ul>	<p>Sim</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-exemplificações e ilustrações de conteúdos; analogias.</li> <li>- não menciona assuntos pessoais</li> </ul>
Normas da Instituição	<p>Precisa seguir, mas nem sempre aceita.</p>	<p>Precisa seguir, mas há uma grande autonomia em sala de aula.</p>
O que gostaria de fazer?	<p>Já fez: ajudou um aluno a ser professor no Ensino Superior</p>	<p>Projetos que envolvam a comunidade</p>
Recursos Didáticos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Data show;</li> <li>- livros indicados</li> <li>- textos obrigatórios</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Data show</li> <li>- cópias de textos</li> </ul>
Papel da Universidade na sociedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- não se restringir a formar o bom profissional, mas formar mentes críticas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- não se restringir a formar um bom profissional, mas deve contemplar uma formação mais geral através de projetos, oficinas, etc.</li> </ul>

### **Entrevistado 1**

- Linguagem em sala de aula varia de acordo com o curso. Ex: o modo de falar é diferente num curso de Economia do que em um Curso de Administração que tem a disciplina de Economia. Nesse último, a linguagem tem que ser mais simples e menos técnica.
- Instituição – tem que fazer chamada em todas as aulas
- Atribuição de aulas - geralmente respeita-se o dia de preferência do professor

### **Entrevistada 2**

- Com a experiência, ela adquiriu mais segurança e autoridade para chamar a atenção dos alunos ou cobrar uma tarefa melhor. Aprendeu que “flexibilidade não ajuda”. Nesse sentido, a instituição, que é privada, orienta a não cobrar demais, mas também não deixar passar tudo...
- Um método encontrado para chamar a atenção dos alunos foi transportar o conteúdo para a realidade do cotidiano profissional deles.

## II - Considerações Finais

O recorte teórico em relação ao debate sobre metodologias do Ensino Superior faz uma síntese muito precisa sobre os desafios atuais do processo de ensino-aprendizado no ensino superior e é esclarecedor sobre alguns aspectos como: o que é ser educador no ensino superior, que caminhos o educador pode seguir, quais as possibilidades e limites e o mais importante: como construir o conhecimento.

Sugere-se que o professor amplie seus conhecimentos políticos e pedagógicos no seu processo de aprendizado, além do domínio daquilo que vai desenvolver na sala de aula, portanto, aborda elementos de reflexão e avaliação da prática educacional no seu dia a dia.

O estudo de caso trabalha com seis elementos teóricos para decifrar o problema da relação entre conhecimento e poder e as condições necessárias para a produção do conhecimento.

A dicotomia entre formar e informar é retomada para chamar a atenção à sociedade da informação e elementos da mediação e reflexão como processos pedagógicos importantes no desenvolvimento da didática com os educandos.

O texto chama a atenção do trabalho docente universitário através de processos investigativos, métodos científicos de análise para o desenvolvimento de sujeitos com capacidade crítica, autocrítica e a ideia da autonomia intelectual. Os autores alertam sobre o problema do educador que trabalha somente com os conhecimentos da sua área específica, pois essa metodologia não é suficiente na academia hoje, portanto, educadores com visão ampla, conhecer a política, dominar outras áreas do conhecimento, podem ter maior respeito entre os docentes porque eles se sentem mais sujeitos da educação.

Em relação às inovações didáticas e tecnológicas do século XXI, a formação pedagógica precisa ser um processo constante e a pesquisa um elemento central para que o educador se atualize em novas pedagogias de ensino e novas metodologias a fim de melhorar a qualidade do ensino superior.

Do ponto de vista legal a formação de professores, tratadas especificamente em relação aos educadores do ensino médio criou-se um novo paradigma para a formação no Brasil. A formação continuada dos educadores do ensino superior já é definida através do mestrado e doutorado e não considera a especialização, por exemplo.

Percebe-se como elemento chave do texto a preocupação dos autores nesse

processo de trazer a teoria para a prática na formação de professores universitários como uma iniciativa importante para a qualidade do ensino devido à formação ampla possibilitada nesta nova prática de ensino.

Portanto, a reflexão sobre a educação inicial e continuada continua na ordem do dia e ela só terá sentido se refletir sobre a vida das pessoas e sobre o que se faz na sala de aula. Este é o desafio posto e é pouco provável que hoje parte dos professores de ensino superior queira dar outra lógica para seus processos pedagógicos de ensino aprendido. A pedagogia não dá conta sozinha da relação homem/mundo numa perspectiva de totalidade da complexidade humana, mas impõe-se no dia a dia da sala de aula. (Severino e Fazenda, 2002).

### III - Referências:

ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Escola Reflexiva e Nova Racionalidade**. Porto Alegre: Artimed, 2001.

ARCARY, Valério. **Um Brasil menos desigual? – Mobilidade social baixa e evolução lenta da escolaridade média**. Artigo, 2011, Professor do IFSP.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. São Paulo: Contraponto, 1996.

BRICENO-LEÓN, Roberto. SONNTAG, Heinz R. **La ciencia social na América Latina: la promesa por cumplir**. Caracas: Nueva sociedad, 1999.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. S.. **A reprodução: elemento para uma teoria do ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre. Método Científico e hierarquia social dos objetos. In: CATANI; NOGUEIRA (Org.) **Escritos de Educação**. Editora Vozes, 2003.

CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova Didática**. Petrópolis: Vozes, 1988.

CHAUÍ, Marilena, **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

COLL, César. **Psicologia e Currículo – Uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar**. São Paulo: Ática, 1997.

DIAS, Elaine T. Dal Mas e LORIERI, Marcos Antônio. **Teorias e Políticas em Educação**. São Paulo: Xamã, 2009.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, L.C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papiros, 2001. 143-224 p.

FURTADO, Celso. **Brasil: a construção interrompida**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GALEANO, Eduardo. **O Teatro do bem e do mal**. Porto Alegre: LP&M, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2009.

GUSDORF, Georges. **Professor para que?: para uma pedagogia da pedagogia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LITTO, F. M. FORMIGA, M. (Orgs.). *Educação à distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010. (Cap. 53,54 e 55)

MASETTO, Marcos. **O professor na hora da verdade**. São Paulo: Avercamp, 2010.

MARTINS, Lígia Márcia. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vogotskiano**. Campinas: Autores Associados, 2007. – (Coleção Formação de Professores).

MORIN, Edgard. **A cabeça bem feita**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2010.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação**. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky – aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2010.

POCHMANN, Marcio (Org.). **Outra Cidade é Possível: alternativa de inclusão em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 2003.

POZO, Juan Ignácio. **Aprendizes e Mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SADER, Emir. **Século XX: uma biografia não-autorizada**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e luta dos trabalhadores da grande São Paulo entre 1970 – 1980**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SANTOS FILHO, Jose Camilo dos. Escola e universidade na pós-modernidade. In: SANTOS FILHO, José Camilo Dos. **Universidade, modernidade e pós modernidade**. Campinas: Mercado das Letras, 2000. (p. 15-60.)

SANCHES, Fábio, (Coordenação) **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância**. Instituto Monitor, São Paulo: 2008.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim, FAZENDA, Ivani Catarina Arantes, SOUZA, C. P. (Org.). **Avaliação do rendimento escolar**. Campinas: Papirus, 1991.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Formação Docente: rupturas e possibilidades**. Campinas, Papirus, 2002.

VIEIRA, Lizt. **Cidadania e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLERSTEIN, I. **El legado de la sociologia: la promesa de la ciencia social**. Caracas: Nueva sociedad, 1999.